

MAX
MORENO

Vinte pratas

© 2015 Editora Os Dez Melhores.
Todos os direitos reservados

E D I T O R A
osdezmelhores

you e mais nove

Este conto faz parte do livro **BIG BUKA - Para Charles Bukowski**, uma publicação da **Editora Os Dez Melhores**, reunindo dez contos de dez autores brasileiros numa homenagem ao "Velho Safado".

VINTE PRATAS

Acordei com uma sensação de que a minha cabeça estava prestes a explodir. Tentei abrir os olhos, mas a *porra* de claridade estava me deixando cego. Algumas garrafas de vinho vazias me encaravam de um dos cantos do sofá onde eu estava estirado.

— É isso aí, botamos pra quebrar, Hank — disse uma voz que vinha de algum ponto do ambiente.

Ergui a cabeça e aos poucos identifiquei o sujeito que se aproximava de mim com um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Caralho, Phil, eu devia estar escrevendo!

— Relaxa, cara, você não estava conseguindo criar nada mesmo.

Phil era um sujeito corpulento que raramente conseguia despertar o interesse do sexo oposto, mas algo me dizia que na noite anterior, as coisas foram diferentes. Phillip Taylor era uma espécie de agente literário para mim. Vivia em contato com os figurões das grandes editoras que, geralmente, não davam a mínima para os meus textos. “Esse cara é um escroto que só escreve porcarias”, disse, certa vez, um editor sobre um dos meus contos. Mas o Phil não era o tipo de cara que se deixava impressionar e logo conseguiu um contrato com uma editora nada renomada do meio oeste. Por alguma razão desconhecida para mim, alguém na Angels Publishing decidiu apostar nos meus escritos *marginais*, o que me parecia meio contraditório para uma editora com um nome desses (Editora Anjos). Puta que pariu!

Mas o Phil logo tratou de me convencer que o nome era uma espécie de “metáfora” e, na verdade, se tratava de uma editora que se dedicava a publicar textos de autores considerados “malditos”, aqueles cuja maioria das editoras queria distância. O trato era escrever em 60 dias, um romance que retratasse a boemia dos cidadãos habituados à vida na América, contrastando com a ilusão do famoso “sonho americano”. “Isso é mole, é só escrever sobre mim mesmo e

está tudo certo”, pensei. Mas o fato é que já haviam-se passado vinte e cinco dias e a folha posicionada na minha velha Remington continuava lá, em branco.

Sempre suspeitei que essa minha evidente falta de talento fosse me levar para a sarjeta e, depois que a minha esposa Hillary decidiu me deixar, por conta da “minha vida literária, esse dia parece estar cada vez mais próximo.

— Que horas são? — perguntei.

— Duas e quinze.

Suspirei. As coisas começavam a clarear na minha cabeça. Mais uma vez a minha indisciplina falara mais alto e em vez de colar a bunda na cadeira e começar a escrever, eu preferi sair pra encher a cara e depois trepar com uma vadia qualquer. E, pelo jeito, o Phil estava se tornando um profissional nessa área também. Ajeitei-me no sofá e acendi um cigarro.

Naquela tarde, após passar horas a fio em frente à máquina de escrever, tudo o que eu consegui foi o início de uma história em que um sujeito era assassinado em uma briga de bar, nada que fizesse muito sentido, então arranquei da máquina a porcaria da folha e a atirei, sem dó, direto no cesto do lixo.

Quando Hillary me expulsou de casa, Phil achou que seria prudente ficar de olho em mim, pois parte do adiantamento pela escrita do tal romance, já tinha ido parar em sua conta bancária e, além do mais, tínhamos um contrato a cumprir, por isso, resolveu me convidar para vir morar com ele. Desde então, eu não consigo escrever uma linha sequer. Não que o Phil seja um mau sujeito, muito pelo contrário, o cara é um poço de otimismo. Creio que o problema sempre fora comigo mesmo. Na verdade eu nunca fui o que se pode chamar de um exemplo de pessoa. Mas quem faz questão disso?

O fato é que os melhores e os piores momentos da minha vida sempre foram compartilhados com três grandes amigos: uma garrafa, uma máquina de

escrever e um maço de cigarros barato. Um bom trago antes de por qualquer porcaria no papel funcionava bem. Mas de uns tempos para cá as coisas meio que mudaram. Agora eu sou só um ferrado que não consegue pensar em nada que venha se tornar uma boa história. E a porra do tempo está passando. Estou começando a odiar relógios.

A noite chegou e a única coisa que mudou foi a quantidade de líquido dentro da garrafa em cima da mesa, que agora estava praticamente zerada.

— Venha, vamos sair — disse Phil, recolhendo o copo e a garrafa, enquanto se dirigia à cozinha. — Levanta essa bunda daí e vamos dar uma volta para esfriar a cabeça.

— Não estou precisando esfriar a cabeça, Phil.

— Cara, você vai conseguir. Não esquentar!

Por um instante cheguei a pensar que o Phil acreditava mais em mim do que eu mesmo. É impressionante como, às vezes, a melancolia passa a nos corroer com ácido sulfúrico. Mas ainda bem que o Phil estava ali. Sorri.

— Certo, meu chapa, vamos nessa!

— É assim que se fala.

Dezoito minutos depois estávamos no bar tomando nossas cervejas em silêncio. Foi quando um sujeito se aproximou da mesa...

Fim desta amostra.

Gostou da visualização?

Então [compre](#) o livro, conheça o fim desta história e prestigie o autor.

E D I T O R A

osdezmelhores

você e mais nove